

TORÇÕES: do modernismo ao barroco – Notas sobre as publicações psicanalíticas no Brasil*

*Denise Maurano***

*Marco Antonio Coutinho Jorge****

RESUMO:

Com este artigo pretendemos oferecer alguns dados que consideramos importantes para compor um panorama da situação institucional da psicanálise no Brasil e do desenvolvimento da situação editorial da escrita psicanalítica desde o momento de sua entrada no país até o ano 2000. Aproveitamos ainda para esboçar algumas reflexões acerca da facilidade pela qual ela aqui se fez presente, o que julgamos articular-se com a característica barroca de nossa cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Instituição. Publicação. Modernismo. Barroquismo. Brasil.

* Artigo publicado originalmente na revista francesa *Essaim* n. 7, em abril de 2001, com o título de “Torsions: du modernisme au baroque – Notes sur les publications psychanalytiques au Brésil”, traduzido do francês por **Jean-Claude Soares e Júnia Andrade Viana** (UFJF).

**Psicanalista, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, membro correspondente de *Insistance*, doutora em filosofia pela Université e de Paris XII e pela PUC/RJ, pós-doutora em Letras pela PUC/RJ, professora associada da Universidade Federal do estado do Rio de Janeiro UNIRIO, autora dentre outros livros de *A transferência*, Col. Passo à Passo, Jorge Zahar Ed., *Histeria: o princípio de tudo*, Col. Para ler Freud, Ed. Civilização Brasileira e *Torções: a psicanálise, o barroco e o Brasil*, Ed. CRV (no prelo).

***Psicanalista, membro do Corpo Freudiano do Rio de Janeiro, doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professor da UERJ, autor de *Sexo e Discurso em Freud e Lacan* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998) e *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan, volume 1: As bases conceituais* (Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000).

A entrada da Psicanálise no Brasil

Foi durante os anos 20 que o movimento psicanalítico surgiu no cenário nacional, no mesmo período da entrada do Modernismo por meio da Semana de Arte Moderna – realizada na cidade de São Paulo no ano de 1922 – cem anos após a independência do país. As mesmas pessoas freqüentaram os dois movimentos e, apesar da finalidade de o movimento modernista realizar uma leitura antropofágica da cultura européia, a entrada da Psicanálise no Brasil foi marcada pelo fascínio exercido por um pensamento inteiramente novo proposto por Freud.

Esse período de entre-guerras representou uma época de transformações filosóficas, estéticas e sociológicas profundas. Houve uma significativa mudança nos costumes, sobretudo, no que concerne ao lugar ocupado pela mulher na sociedade. Como observou Cláudia Boddin, a psicanálise e o cinema chegam com a expansão burguesa e a consolidação do capitalismo. O fato de ter chegado ao Brasil, contemporaneamente à medicina organicista, fez com que a psicanálise encontrasse aqui muitas dificuldades. No entanto, o saber psicanalítico foi mais bem aceito pelos médicos não-psiquiatras e por alguns intelectuais.

Durval Bellegarde Marcondes (1899-1981) foi provavelmente o primeiro psicanalista brasileiro. Graduado em Medicina no ano de 1924, ele logo se interessou pela psicanálise. Foi mediante a leitura de um artigo publicado no jornal Folha de São Paulo em 20 de março de 1919, acerca de um curso proferido pelo professor Franco da Rocha na Faculdade de Medicina de São Paulo, que Durval B. Marcondes ouviu falar de Freud pela primeira vez. Em seguida, tornou-se assinante do *Internacional Journal of Psychoanalysis*, cujo primeiro número data de 1920, e começou a exercer a psicanálise de maneira autodidata. Sua tese, *O Simbolismo estético na Literatura: Ensaio de orientação para a crítica literária baseada no conhecimento fornecido pela psicanálise*¹ foi escrita em 1926 por ocasião de um concurso para tornar-se professor num colégio paulistano. Após ter sido publicada, a tese foi enviada a Freud que, para a surpresa do autor, manifestou-se enviando a ele uma resposta. Iniciava-se entre eles, a partir de então, um ciclo de correspondências.

¹ No texto original em francês, os títulos das diferentes obras foram traduzidos visando uma melhor compreensão por parte do leitor francês acerca dos temas abordados.

Um ano depois Durval B. Marcondes fundou a *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, primeira instituição psicanalítica da América Latina. O ato de fundação incluiu os psiquiatras Franco da Rocha e Osório César; dois modernistas muito engajados: Menotti del Picchia e Cândido Motta Filho; assim como outros intelectuais e médicos importantes como Raul Briquet, considerado um dos homens mais cultos de sua época. Em 1928, Durval B. Marcondes cria a *Revista Brasileira de Psicanálise* (figura 1) que teve apenas um número publicado e, somente em 1967, reaparece no mercado editorial, anunciando a grande expansão da psicanálise nos anos 70 no Brasil. Este número de 1928 foi enviado a Freud que lhe respondeu prontamente, dizendo-lhe que havia adquirido uma gramática brasileira e um dicionário bilíngüe alemão-português para auxiliá-lo na leitura da revista, durante as férias.

Durval B. Marcondes foi também o fundador do primeiro curso de psicologia no Brasil na Universidade de São Paulo. Torna-se imprescindível observar o fato de ser um psicanalista o fundador do primeiro curso de psicologia no país, sobretudo, quando se pensa na importância do espaço conquistado pela psicanálise na universidade brasileira na atualidade, conforme ressaltou a autora Elisabeth Roudinesco (2000, p. 152) em sua recente obra *Por que a psicanálise?:* “Mas é certo que os países latino-americanos (o Brasil e a Argentina, em especial) estão hoje na vanguarda do renascimento do freudismo, em virtude, em primeiro lugar, da força particular dos departamentos de psicologia instalados nas universidades, lugares onde se privilegia o ensino da psicanálise em detrimento das outras disciplinas”. De fato, constata-se o surgimento no espaço acadêmico brasileiro contemporâneo de vários trabalhos rigorosos acerca das questões mais atuais da clínica psicanalítica, como as toxicomanias e as psicoses, e de importantes assuntos de cunho social como as relações da psicanálise com a criminologia, a situação dos menores abandonados, etc.

Marcondes muito trabalhou pela inserção da instituição psicanalítica brasileira no contexto internacional. Ele conseguiu realizá-la convidando Adelheid Koch, psicanalista alemã, que se tornou a primeira didata em psicanálise no Brasil. Assim, a instituição foi definitivamente reconhecida pela IPA em 1951 no Congresso de Amsterdã.

Mesmo se em 1928 Durval Marcondes houvesse convidado Juliano Moreira para fundar no Rio de Janeiro uma seção da *Sociedade Brasileira de Psicanálise*, e se diversas tentativas tivessem sido realizadas no intuito de levar analistas didatas ao Rio de Janeiro, como, por exemplo, Daniel Lagache, só em 1947 é que o *Instituto Brasileiro de Psicanálise* seria fundado no Rio. Somente após a Segunda Guerra Mundial que se pôde encontrar um analista,

Mark Burke, judeu oriundo da Polônia e naturalizado inglês, disposto a se instalar na cidade do Rio de Janeiro e de tomar em análise dez médicos brasileiros.

Dez meses depois, desembarcou no Rio de Janeiro com sua esposa Anna Katrim Kemper e seus três filhos, Werner Kemper, um analista alemão reconhecido pela IPA, que ostentava uma posição política extremamente problemática por ter ocupado relevantes cargos políticos durante a Segunda Guerra, em plena vigência do regime nazista, época em que o freudismo fora fortemente combatido. Ernest Jones foi o grande responsável por essas denúncias que até então não tinham sido cogitadas.

Como é de praxe, a divergência não tardou a instalar-se no seio da instituição: Kemper passou a aceitar como analisandos, profissionais não graduados em Medicina, contrário à conduta instituída por Burke que somente aceitava médicos como candidatos à formação psicanalítica. Ao mesmo tempo, um grupo de analistas que partira para a Argentina com a finalidade de fazer sua formação psicanalítica, retornava ao Rio de Janeiro introduzindo o kleinismo. Este grupo se aliou a Burke.

Num curto espaço de tempo, houve a instalação de duas sociedades psicanalíticas rivais com perspectivas de trabalho distintas: em 1955 o grupo de Kemper foi reconhecido pela IPA como *Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro* (SPRJ). Já em 1959, Burke fundou a *Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. Eles se auto-denominavam, respectivamente, "freudianos" e "kleinianos" .

Burke deixou o país precipitadamente e alguns anos depois, já em 1967, Kemper faz o mesmo deixando para trás esposa e filhos. Apesar das críticas sofridas, Kemper nomeara a esposa Katrin Kemper, grafóloga, analista. Ela se tornou membro da SPRJ e, um ano após a partida do esposo, segundo relatou Cláudia Boddin, saiu da Sociedade para fundar juntamente a seu analisando Hélio Pellegrino o *Instituto Brasileiro de Psicanálise*, fora da IPA, denominado posteriormente *Círculo Brasileiro de Psicanálise*, donde se originou o *Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*.

No entanto, o movimento psicanalítico no Rio de Janeiro não se reduzia ao que se passava na IPA. Dominício Arruda Câmara, psicanalisado nos EUA, mesmo tendo favorecido a instalação da IPA no Rio de Janeiro, estranhamente, não conseguiu conquistar o reconhecimento da associação. Porém, isso não o impediu de trabalhar arduamente, enquanto analista, até sua morte. Dominício A. Câmara recebia os pacientes, nos jardins de sua própria casa, uma mansão no alto da Boa Vista. Ele se manteve fora das instituições, até mesmo do

Instituto de Medicina Psicológica (IMP) fundado em 1953 no Rio, do qual fazia parte sua esposa Iracy Doyle. Esta também havia concluído sua formação nos EUA e pensava as questões psicanalíticas fora dos parâmetros da IPA, articulando-as com a antropologia, a sociologia e a psiquiatria.

Um outro nome de relevância no movimento de inserção da psicanálise no Rio de Janeiro foi Décio Soares de Souza, que foi para Londres no intuito de fazer sua formação psicanalítica na IPA. Ele retornou em 1954 ao Rio de Janeiro e fundou o *Grupo de Orientação Infantil* na Universidade de Medicina, trazendo valiosas contribuições para a psicanálise infantil, de adultos e de psicóticos. Não se têm quaisquer registros acerca dos motivos que o levaram à expulsão da SBPRJ em 1965.

Os Pioneiros

No concernente às publicações psicanalíticas, o período anterior à criação das sociedades de psicanálise (de 1890 a 1937) foi extremamente fecundo. Naquela época verificou-se uma significativa proliferação de publicações, em princípio muito ecléticas, e, posteriormente, ligadas à produção médico-acadêmica.

A primeira referência a Freud parece ter sido feita pelo psiquiatra Juliano Moreira (1873-1933), já em 1899, em seu curso na Escola de Medicina da Bahia, segundo relato posterior de testemunhas. No ano de 1914, Genserico Pinto, um médico vindo do Ceará, defende no Rio de Janeiro uma tese de doutorado intitulada *Da Psicanálise – A sexualidade das neuroses* e publicada no ano seguinte, sendo considerada o primeiro livro brasileiro sobre a psicanálise. Inúmeros trabalhos pioneiros se voltaram para uma aproximação psicanalítica da literatura, o que testemunham as diversas obras do médico mineiro Luiz Ribeiro do Valle: *Psicologia mórbida na obra de Machado de Assis* (1916), *Certos escritores brasileiros psicopatológicos* (1912) e *Machado de Assis e Psicanálise* (1930).

Em São Paulo, no dia 20 de março de 1919, Franco da Rocha, titular da cadeira de neuropsiquiatria na Faculdade de Medicina, publica no jornal *O Estado de São Paulo* um artigo intitulado “Do Delírio em geral”, no qual Freud é mencionado. No mesmo ano, ele publicou na *Revista do Brasil* o artigo “A Doutrina de Freud”. No ano seguinte, Franco da Rocha publicou seu livro *O pansexualismo na doutrina de Freud*, reeditado em 1930 sob um

novo título, *A doutrina de Freud*, suprimindo a referência ao pansexualismo por ser um termo severamente criticado pelo próprio Freud. A resistência que a Psicanálise encontrou naquele momento poderia ser ilustrada pelo fato de que, após a publicação do seu livro, Franco da Rocha foi considerado doente mental e uma comissão da faculdade de medicina foi constituída para melhor avaliar suas condições mentais. Nesse momento, Franco da Rocha sustentou sua posição de maneira obstinada e afirmou que chegaria o dia em que a Psicanálise seria algo “consolidado e sabido; aceito por todo o mundo”.

Dentre os primeiros difusores da Psicanálise no Brasil, cujos trabalhos, algumas vezes, apresentam interpretações singulares da psicanálise, pode-se enumerar o jornalista e homem de letras Medeiros e Albuquerque; seu irmão o psiquiatra Maurício de Medeiros; o psiquiatra Henrique Roxo e o neurologista Antônio Austregésilo. Em meio a esses pioneiros, três nomes merecem destaque: Júlio Porto Carrero, médico em Pernambuco que publicou *Ensaio de Psicanálise* (1929) e *Psicologia Profunda ou Psicanálise* (1934), volume que reúne dezessete conferências pronunciadas pelo autor no Rio de Janeiro entre 1927 e 1929. Júlio P. Carrero foi um dos precursores que mais se esforçou ao abordar as contribuições da psicanálise para a educação. O médico Gastão Pereira da Silva ocupa uma posição privilegiada enquanto difusor do pensamento psicanalítico no país, uma vez que publicou quinze títulos concernentes à psicanálise entre 1931 e 1970, além de dois romances, doze biografias de personalidades brasileiras relevantes no campo da política, da medicina e das artes e quinze peças de teatro, a maior parte encenadas pelo célebre ator Procópio Ferreira. Médico na Bahia, Arthur Ramos publicou inúmeros trabalhos acerca dos mais diversos assuntos, dentre os quais *A angústia: ensaio clínico e psicanalítico* (1931); *Psiquiatria e Psicanálise* (1933); *Educação e Psicanálise* (1934) e *A criança problema* (1947).

Psicanálise e Modernismo

Por ocasião da recente chegada ao Brasil da exposição organizada pela Biblioteca do Congresso de Washington, *Freud: conflito e cultura*, foi realizado um estudo (Araújo, 2000), sobre a relação entre a psicanálise e o movimento modernista no país, relação

esta que havia sido outrora apenas mencionada², mas que nunca tinha sido investigada enquanto objeto de uma pesquisa mais ampla. Esse estudo revelou de forma surpreendente que essa relação se encontrava muito mais profundamente enraizada do que se poderia supor. De fato, desde os anos de 1910 o pensamento freudiano vem se infiltrando na intelectualidade brasileira e circulando entre os modernistas, fornecendo-lhes as bases para sua revolução estético-ideológica.

O modernismo brasileiro representou um vigoroso movimento de vanguarda que marcou toda a vida cultural do século XX no Brasil, inaugurado com a Semana de Arte Moderna (figura 2) concebida por Di Cavalcanti e realizada por um grupo de intelectuais, artistas e poetas no Teatro Municipal de São Paulo em fevereiro de 1922. O principal acontecimento artístico considerado precursor da Semana de Arte Moderna foi uma exposição dos trabalhos de Anita Malfatti, realizada no ano de 1917, que suscitou uma polêmica repercussão na imprensa e críticas acirradas proferidas pelo célebre escritor Monteiro Lobato. Durante a Semana, uma exposição exibiu trabalhos de artes plásticas no *hall* do Teatro Municipal, ao mesmo tempo em que, em seu interior, escritores e poetas proferiam conferências e diziam seus poemas. Além das pinturas de Anita Malfatti, estavam expostos os trabalhos de Emiliano Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro, Jonh Graz, entre outros, e as esculturas de Victor Brecheret. O músico, entre os organizadores, era o maestro e pianista Heitor Villa-Lobos, e os escritores, Mário e Oswald de Andrade – que, apesar do mesmo sobrenome, não eram parentes – Menotti del Picchia, Cândido Motta Filho e Sérgio Milliet. A famosa pianista, Guiomar Novaes, que se apresentou nas primeiras noites interpretando Chopin, pouco tempo depois rompeu definitivamente com o movimento.

A grande admiração por Freud era notória entre os intelectuais brasileiros: “Eles reconheciam sua contribuição fundamental para o entendimento tanto da natureza humana, quanto da criação artística e literária, o que e em particular muito os interessava” (Araújo, 2000). Os dois Andrade, Mário e Oswald, falavam a respeito de Freud de maneiras distintas; cada um a seu estilo: o primeiro escreveu numa carta de 1928 que Freud havia dado um imenso passo na psicologia e que, tal como Darwin, fora vítima daqueles que não o tinham lido. O segundo manifestara-se diversas vezes em sua obra de maneira efusiva ao referir-se a Freud.

² Por exemplo, no volume organizado por Leopold NOSEK, *Álbum de Família/Imagens, fortes e idéias da psicanálise em São Paulo*.

Por um lado, Oswald de Andrade menciona Freud por três vezes em seu célebre *Manifesto Antropófago*, lançado em maio de 1928, e propõe uma completa releitura da questão cultural brasileira, valendo-se dos conceitos freudianos descritos em *Totem e Tabu*. Este manifesto foi inspirado pelo quadro *Abaporu*, pintado por sua esposa Tarsila do Amaral (figura 3) e atualmente celebrizado. Tarsila presenteou o esposo com a pintura quatro meses antes da publicação do manifesto. De fato, a figura feminina nua em *Abaporu*, que se repete na tela de 1929, intitulada *Antropofagia*, com seus enormes pés e sua pequena cabeça, em meio aos cactos e em pleno sol, tornou-se emblemática no modernismo brasileiro. Naquele momento, Tarsila do Amaral dava início a uma nova fase, nomeada *Antropofágica*, em que as telas abundavam em formas oníricas e em cores vibrantes.

Por outro lado, Mário de Andrade foi considerado o maior leitor de Freud dentre os seus contemporâneos (ele lia as traduções francesas dos textos freudianos). Seus textos estão repletos de referências a Freud e à psicanálise, sua concepção sobre a criação artística e literária supõe um verdadeiro diálogo entre o inconsciente e a consciência do autor. Aliás, seu romance *Amar, verbo intransitivo* (1927) foi criticado pelo excesso de freudismos. O autor sugeriu o emprego do vocábulo *seqüestro* para traduzir o substantivo alemão *Verdrängung* (recalque) empregado por Freud, sendo posteriormente seguido por outros escritores, sobretudo, pelo poeta Carlos Drummond de Andrade.

A expressão “Freud explica”, bastante difundida na linguagem popular da cultura brasileira contemporânea para, humoristicamente e com uma ligeira conotação satírica (e às vezes até sexual), designar uma espécie de plena potência, uma tendência a tudo explicar, conferida à obra de Freud, surge pela primeira vez num romance póstumo de Alcântara Machado.

As diversas revistas provenientes do modernismo – *Klaxon*, *Estética*, *A Revista*, *Verde*, *Revista de Antropofagia* – manifestaram um grande interesse pela obra de Freud. *A Revista*, de Belo Horizonte, publicou pela primeira vez no Brasil, em seu exemplar de número 3, uma tradução que data de 1925, de autoria do médico Iago Pimentel, de uma parte das conferências pronunciadas por Freud nos EUA no ano de 1909, reunidas sob o título de *Cinco Lições de Psicanálise*.

As traduções da obra de Freud

Foi em 1932 que surgiram no Brasil as primeiras traduções dos textos de Freud publicadas pelas edições Guanabara. Num primeiro momento, apenas alguns livros foram publicados, incluindo *A Psicopatologia da Vida Cotidiana* e *Totem e Tabu*. Mais tarde, em 1958, as edições Delta lançaram o primeiro dos dezoito volumes das traduções diretas do alemão. Estes exemplares, por estarem esgotados, constituem, atualmente, verdadeiras raridades. Durante muito tempo eles representaram a única fonte de estudo da obra de Freud no Brasil. As possíveis relações entre as edições publicadas pela Guanabara e pela editora Delta não poderiam ser precisadas, porém, ambas contrataram os mesmos tradutores. Estas traduções são consideradas ainda hoje como de boa qualidade, o que é surpreendente, sobretudo, quando se leva em consideração o seu pioneirismo face à ausência de uma reflexão teórica mais ampla no momento em que foram realizadas.

Não se sabe ao certo como foram tratadas as questões concernentes aos direitos editoriais dos textos de Freud na época. Foi somente mais tarde que o filho do mestre vienense, Ernst Freud, concedeu oficialmente os direitos de publicação a Jayme Salomão, psicanalista membro da IPA no Rio de Janeiro. Foi o próprio Jayme Salomão quem relatou que, uma certa vez, caiu em suas mãos o endereço de Ernst Freud, responsável pelos direitos autorais sobre a edição da obra de Sigmund Freud. Jayme Salomão tentou passar este endereço para uma editora carioca, porém, ela não manifestou qualquer interesse. Um ano depois, em 1965, quando se encontrava em Londres por ocasião do pré-congresso da IPA, o próprio Jayme Salomão decidiu se dirigir diretamente à residência de Ernst Freud. Inicialmente, enfrentou certas dificuldades em ser recebido, no entanto, para sua máxima surpresa, o psicanalista brasileiro que solicitava apenas o direito de traduzir e publicar um dos livros de Freud, não só conseguiu esta concessão, mas também, o direito de publicar suas obras completas.

De volta ao Brasil, Jayme Salomão decidiu fundar uma editora que veio a se chamar Imago, com a finalidade exclusiva de publicar as obras completas de Sigmund Freud. No ano de 1967, foi dado início ao empreendimento, o primeiro volume a ser editado, o de número XI, *As Cinco Lições de Psicanálise e Leonardo da Vinci*, saiu em 1970. A coleção intitulada *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, contendo os vinte e cinco volumes, foi completada em 1977. A recepção desses livros foi surpreendente e, suas vendas proliferaram-se de maneira espantosa até os anos oitenta, quando críticas feitas à tradução, a partir da versão inglesa, pesaram negativamente sobre esses

volumes. De fato, esta tradução apresenta toda sorte de problemas, sejam eles teóricos ou de sentido. Isso impôs um árduo trabalho de revisão, ainda em curso, longe de poder ser considerado suficiente. Há uma tendência atual dos psicanalistas brasileiros que trabalham com o texto de Freud de uma maneira bastante rigorosa, de recorrerem à tradução em espanhol publicada pela editora Argentina Amorrortu. A Imago começou, há algum tempo, a publicar também outras obras, em princípio, apenas relacionadas à Psicanálise e, posteriormente, ligadas à literatura e às ciências humanas em geral. Este editor observa nos tempos atuais, uma retração nas vendas.

O movimento editorial até o ano 2000

Paralelamente, a editora Jorge Zahar, reconhecida por sua presença na cultura acadêmica e erudita, começou a publicar também livros sobre psicanálise. Em 1964 ela havia editado exemplares de *Psicopatologia da Vida Cotidiana*, de Sigmund Freud, e *As Fontes do Inconsciente* de Melanie Klein. Ela aumentou significativamente seu número de publicações relacionadas à psicanálise durante os anos 70 e, no ano 1979, a Jorge Zahar editou o primeiro volume da relevante série de seminários de Jacques Lacan: o de número XI sobre *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Em 1975, a editora Perspectiva de São Paulo havia publicado uma tradução parcial dos *Escritos*, livro que seria lançado integralmente, somente em 1998 pela Jorge Zahar, depois de um esforço editorial para obter uma tradução de qualidade desses textos difíceis. Até o momento atual, todos os dez volumes do Seminário de Lacan lançados em francês já foram traduzidos e publicados pela mesma editora. Assim, a escola francesa contemporânea passa a ocupar uma posição de fundamental relevância no campo psicanalítico brasileiro.

Em 1987, a Jorge Zahar iniciou a organização das duas coleções que até hoje muito contribuem para a difusão da psicanálise, sobretudo, da vertente lacaniana: “O campo freudiano no Brasil” e a “Transmissão da Psicanálise”. A primeira das coleções já editada sob a supervisão Jacques Alain e Judith Miller conta atualmente com um total de 40 títulos publicados. A outra, sob a direção de um dos autores deste artigo, Marco Antônio Coutinho Jorge, contou no início com a colaboração de Otávio de Souza e, na atualidade, aglomera mais de sessenta volumes. Entre os autores publicados pode-se mencionar Maud e Octave Mannoni,

Alain Didier-Weill, Juan David-Nasio, Catherine Millot, Laurence Bataille, Gérard Pommier, Crik Porge, Pierre Benoît, Claude Conté, Michel Arrivé, Alphonse De Waelhens, Paul Laurent Assoun, Jean-Jacques Moscovitz e Philippe Julien. De modo geral, no quadro de publicações psicanalíticas da Jorge Zahar, há a prevalência de autores estrangeiros, porém, a produção nacional começa a conquistar seu espaço no cenário editorial com textos provenientes originalmente de trabalhos acadêmicos como o de Noga Wine, Olandina Pacheco, Ana Maria Rudge, Betty Fuks, Malvine Zalcberg, para citar apenas alguns nomes. A Jorge Zahar publicou também, fora das coleções, várias obras psicanalíticas como os livros de Luiz Alfredo Garcia-Roza. Nessa mesma época as edições Zahar já haviam sido submetidas a uma reorganização estrutural a partir da qual passou a se denominar Jorge Zahar Editor.

Por volta dos anos 70, a psicanálise conquistou uma relevante notoriedade na sociedade brasileira. A propósito desta afirmação, faz-se necessário mencionar algumas das observações baseadas no trabalho de Ana Cristina Figueiredo. Ela relata que a grande afluência dos psicanalistas argentinos para o Brasil nessa época deixou profundas marcas. Estes chegaram em grande número no país, aceitaram psicólogos em análise, dando-lhes uma formação psicanalítica paralela, alternativa à IPA. A psicanálise e a psicologia clínica foram colocadas de maneira *indissociada*, dentro de uma perspectiva denominada então "psicologia psicanalítica". Isso gerou dois efeitos: por um lado, a adesão dos psicólogos ampliou largamente o público interessado em psicanálise e, por outro, um ecletismo que pretendia ampliar o campo de intervenção psicanalítica. Conforme ressaltou Coutinho Jorge em 1999, num colóquio em Paris, a desmedicalização progressiva da psicanálise, prometida pela abertura da formação aos psicólogos por parte das instituições lacanianas, representou um papel muito importante na época³. Como exemplo desta expansão, pode-se mencionar o fato, registrado entre os anos de 1970 e 1976, no qual uma associação alternativa freqüentada por psicanalistas conseguiu reunir em dois de seus congressos quase dois mil participantes (Figueiredo, 1998, p. 132).

Leão Cabernite, membro da IPA e presidente da SPRJ de 1972 a 1980, manifestou publicamente seu descontentamento face ao movimento que ele denominou "geração espontânea" de profissionais. Todavia, em 1980, pressionada pelos acontecimentos, a IPA decidiu aceitar psicólogos em seu curso de formação psicanalítica, uma vez que,

³Esta abertura deveu-se às instituições lacanianas que representaram um relevante papel nesta época. Faz-se necessário ressaltar que o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, instituição fundada em 1975 por M.D. Magno e Betty Milan, atuou de forma decisiva em meio a todas essas questões.

anteriormente, só os médicos tinham acesso a esse curso. Faz-se necessário ressaltar que, desde 1962, quando a profissão de psicólogo foi reconhecida no Brasil enquanto prática clínica, a clínica psicológica parecia quase indissociável da psicanálise, uma vez que foram os psicanalistas que trabalharam pela implantação das faculdades de psicologia no Brasil.

No início dos anos 70, havia uma nítida prevalência da escola inglesa por parte dos psicanalistas brasileiros. A bibliografia consultada era constituída, sobretudo, por livros de Melanie Klein, Hanna Segall, Winnicott e Anna Freud. Por volta da metade da década de 70, pôde-se acrescentar a essa lista os nomes de alguns psicanalistas argentinos, tais como José Bleger, Pichon-Rivière, Marie Langer, Maurício Knobel e Leon Grinberg. À escola inglesa foram anexadas teorias de cunho marxista e este movimento ficou conhecido como neokleinismo argentino.

Entre 1970 e 1976, observou-se uma significativa proliferação das associações psicanalíticas não submetidas ao monopólio da IPA. Inserida nesse contexto figurou a seguinte questão: “Qual é a função de um psicanalista?”. Esta, a partir de então, passou a atrair a atenção de todos aqueles que de certa forma estavam implicados neste saber. O movimento lacaniano encontrou seu lugar neste momento. A perspectiva inaugurada por Jacques Lacan na França, alicerçada na proposição de uma releitura da obra de Freud e de uma ruptura com os discursos médico e psicológico, retomou o rigor perdido com o distanciamento extremo dos psicanalistas com relação aos textos de Freud.

Esta perspectiva começou a se alastrar por todo o mundo e chegou ao Rio de Janeiro em 1976, com a fundação do primeiro grupo lacaniano, o *Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*, graças à marcante atuação de seu presidente M.D. Magno. A IPA foi violentamente questionada pelos lacanianos que procuravam definir as novas bases da função do psicanalista. Desde então, a psicanálise brasileira revelou em relação a Lacan uma abertura tão significativa quanto a que já havia sido realizada com relação aos outros pós-freudianos mais importantes. Porém, dessa vez, a abertura do campo psicanalítico para os psicólogos e, posteriormente, o início da abertura democrática, propiciaram uma maciça difusão do pensamento freudiano a partir dos ensinamentos de Jacques Lacan. Nos dias atuais, a referência a Lacan é, no Brasil, algo inteiramente inalienável. Os membros da IPA por vezes empreendem grupos de estudos acerca dos textos de Jacques Lacan sob a supervisão e orientação de psicanalistas de formação lacaniana.

Evidentemente, a multiplicação das instituições e dos profissionais durante a década de 70 favoreceu uma significativa expansão das publicações psicanalíticas, em particular aquelas de orientação lacaniana que se encontram no primeiro patamar desse mercado editorial. A editora Artes Médicas, de Porto Alegre, deu início à publicação de textos psicanalíticos e, devido à proximidade à Argentina e ao Uruguai, passou a importar muitos exemplares escritos em espanhol. A psicanálise se estabelecia enquanto uma posição revolucionária, o que em muito agradava ao fundador dessa editora, Henrique Leão Kieperman. Ele deu início à tradução dos textos espanhóis de Arminda Aberastury, Bleger, Etchegoyen e Bleichmar. Logo em seguida foram publicadas obras de Langer, Winnicott, Sandler, Tustin, McDougall, Racker, Laplanche, Kernberg e Wallerstein. Iniciava-se também um investimento em autores brasileiros como Osório Zimmermann e Outeiral. Posteriormente, eles criaram a coleção “Discurso Psicanalítico”, dirigida por Alduísio Moreira de Souza, dedicada às obras de orientação lacaniana, como as de Contardo Calligari, Joël Dor, Marcel Czermak e Charles Melman, a fim de corresponder ao crescente interesse pela escola psicanalítica francesa.

Árvore Genealógica até o ano 2000 (Esquema anexo)

A partir desta “árvore genealógica”, quadro que nós ampliamos, ao levarmos em consideração dados apresentados em 1989 no número 1 da Agenda de psicanálise (Ropa, Maurano, 1989), verificamos que a proliferação das instituições psicanalíticas no Rio se estendeu até a metade dos anos noventa. Paralelamente, diversas editoras surgiram sustentadas pelo grande interesse do público pela psicanálise.

Sobre esse aspecto, é interessante mencionar uma entrevista concedida em Paris, no ano de 1990, acerca da expansão da psicanálise no mundo, por ocasião do VI Encontro Internacional do Campo Freudiano. Os jornalistas do *Libération* se surpreenderam quando um dos autores deste artigo, Denise Maurano, os informou da existência de vinte e quatro instituições psicanalíticas no Rio de Janeiro. Eles exclamaram: “Mas isso é mais que em Paris!”.

Nesse contexto, a editora Relume Dumará, surgida em 1989, iniciou seus trabalhos fazendo um importante investimento na psicanálise com a característica notável de privilegiar os autores brasileiros que aumentavam progressivamente suas produções. O editor Alberto Schprjer constatou que o mercado de psicanálise ainda se encontrava em expansão

nessa época, porém, acredita que atualmente a situação seja contrária. Até agora, ele já publicou aproximadamente trinta títulos referentes à psicanálise.

Faz-se necessário ainda mencionar, em meio ao mercado editorial de psicanálise, a relevância da editora Companhia de Freud, dirigida por José Nazar e fundada em 1990 com o intuito expresso de publicar somente autores lacanianos ainda não muito difundidos no Brasil. Esta editora acumulou num curto período de existência um considerável número de publicações. Até agora são quase cinquenta títulos sobre psicanálise e, atualmente, passou a editar textos concernentes à literatura. A Companhia de Freud também vem constatando uma retração na vendagem dos títulos referentes à psicanálise.

Em 1993, uma grande editora médica no Rio de Janeiro, a *Revinter*, dirigida por Sérgio Dordas, passou a publicar psicanálise. Sob a direção dos psicanalistas Francisco de Farias, Gilsa de Oliveira e Carlos Eduardo Leal, a Coleção Freudiana foi então criada e, atualmente, conta com dezesseis livros de orientação laciana. Outros trabalhos em psicanálise foram publicados fora da coleção. As traduções de autores estrangeiros têm um espaço privilegiado, porém, há uma significativa percentagem de textos produzidos por psicanalistas brasileiros, tais como Jô Gondar e Ana Beatriz Freire.

Outras editoras também merecem citação, por seus trabalhos de difusão das idéias psicanalíticas. No setor psicanalítico, sob a direção de Durval Checchinato, a *Papirus*, uma editora de Campinas, publica uma grande diversidade de autores, dentre os quais destaca-se Moustapha Safouan. A *Escuta* é uma editora paulista, dirigida pelo psicanalista Manoel Berlinck, que se dedicou à publicação específica de autores estrangeiros, tais como Piera Aulagnier, Pierre Fédida, Conrad Stein, Donald Meltzer, Guy Rosolato e brasileiros como Urânia tourinho Peres, Márcio Peter Souza Leite, Renato Mezan, Octávio de Souza e Míriam Chnaiderman. A editora *Ágalma* de Salvador, fundada em 1991 e dirigida por Marcus do Rio Pereira, publicou três diferentes coleções de psicanálise: *Discurso Psicanalítico*, *Análise da Criança* e *Dicionário de Psicanálise - Freud & Lacan*. *Contracapa* é uma nova editora carioca que surgiu nos anos noventa. Luís Eduardo Meira, seu fundador, relata que em 1995 eles haviam começado a publicar obras relacionadas à psicanálise, à literatura e às ciências humanas. Vinte por cento de suas edições foram reservadas ao campo psicanalítico e seus investimentos nesta área encontram-se em expansão. Uma iniciativa que merece ser mencionada é a recente tradução e publicação dos textos psiquiátricos básicos de Kraepelin, Krafft-Ebing e Kahlbaum,

dentre outros, feitas diretamente do alemão pela psicanalista Sonia Alberti e que nunca tinham sido publicadas em português.

Pode-se considerar que o recente aumento da produção psicanalítica brasileira se deu, sobretudo, em decorrência das relações estabelecidas com a universidade. Mesmo se em 1914, como foi mencionado no início, um médico vindo do Ceará defendeu pela primeira vez no Rio de Janeiro a primeira tese concernente à psicanálise, a partir daí, pôde-se encontrar de maneira esparsa, algumas outras, como, por exemplo, a de 1938 acerca do trabalho de Melanie Klein. Foi com a intensificação do trabalho dos analistas na universidade, sobretudo, com a acentuada expansão dos cursos de Pós-Graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado), que houve um estímulo à produção nacional, que pouco a pouco, ganha a confiança dos editores e do público. Pouco a pouco, a psicanálise conquista seu próprio espaço, no qual se encontra em contínua relação com a psicologia, a filosofia e muitas outras disciplinas, mas, também, onde ela pode melhor se diferenciar das mesmas. Mesmo nas livrarias, a psicanálise começa a ocupar uma prateleira exclusiva. Nós não mencionamos as revistas de psicanálise que também se tornam cada vez mais numerosas. Elas estão, em sua maioria, ligadas às instituições psicanalíticas ou aos departamentos de psicanálise das universidades, como a revista *Ágora*, da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Psicanálise e Barroco

Por meio dessas notas não pretendemos abranger todo o vasto campo das publicações brasileiras referentes à psicanálise, nem tampouco todas as editoras responsáveis por tais publicações. Apenas pretendemos oferecer algumas informações que consideramos importantes para dar uma idéia do desenvolvimento e da situação atual da escrita psicanalítica no Brasil.

Antes de concluir, gostaríamos de esboçar algumas reflexões acerca da forma pela qual a psicanálise penetrou no Brasil com tamanha facilidade. Não será o caso de desenvolvê-las neste artigo, no entanto, podemos introduzir algumas idéias que no momento estão sendo investigadas numa pesquisa, atualmente em curso, de Denise Maurano.

Por ocasião da comemoração dos 500 anos do Brasil⁴, pesquisas realizadas por franceses e brasileiros constataram que a expressão artística mais característica do Brasil é a barroca. Evidentemente, não se trata de uma visão do barroco histórica e geograficamente situada, mas de uma reflexão que aborda o barroco como uma constante histórica verificada em diversos períodos ao longo do tempo. Essa idéia foi proposta por Eugênio d'Ors⁵, que sublinha o oscilar permanente das produções estéticas da humanidade entre as tendências ao obscuro, ao múltiplo e ao nostálgico da selvageria, o que ele propõe nomear como barrocas, e as tendências à unidade, à disciplina e à ordem convocadas pelo equilíbrio racional, nomeadas por ele como clássicas. Além disso, ele as identifica, respectivamente, com a polaridade feminino/masculino, relacionando dois princípios de funcionamento psíquico, e observa que o barroco opera enquanto a voz do inconsciente que protesta contra o imperialismo e a racionalidade consciente.

Torna-se impossível não constatar que no Brasil exista uma espécie de vocação para um pensamento e para produções que não se valem do cartesianismo ou da inspiração clássica. Trata-se de um pensamento que não faz apenas o acolhimento dos contrários, mas também no qual, valores heterogêneos se afirmaram sem nenhuma exclusão, cujas fronteiras entre a ilusão e a realidade são questionadas, assim como aquelas entre o profano e o divino, numa lógica hiperbólica, tal como foi proposto por Hölderlin. Por esse viés, pode-se verificar uma rica e profunda proximidade entre o pensamento trágico, a expressão barroca e as leis do inconsciente. Porém, não pretendemos aprofundar aqui esta idéia.

Essa modalidade marcante de funcionamento nos traz vantagens e problemas. A acolhida especial dada pela cultura brasileira à psicanálise, não apenas pelos artistas e intelectuais – como nos primeiros tempos com nosso modernismo particular⁴ e seu apreço pelo novo –, mas também pela sociedade em geral, encontra talvez uma explicação nas razões que incitaram Lacan (1985, p.145) a fazer alusão em seu seminário *Mais ainda*, ao “barroquismo” da psicanálise.

Se pensarmos o barroco não enquanto um estilo situado no tempo, mas enquanto uma modalidade demasiado particular de sensibilidade, podemos propor a hipótese de que nele

⁴ Irlemar CHIAMPI comenta em sua obra *Barroco e Modernidade*, que todo o debate acerca da modernidade na América Latina que não inclui o barroco é parcial e incompleto. Propõe a noção de barroco enquanto uma espécie de encruzilhada estética e cultural, donde surgiu o moderno. Por outro lado, Ronaldo BRITO observou também, em *O trauma do moderno*, que o modernismo brasileiro, mesmo que tardio, se diferencia do europeu na medida em que ele chega a conciliar (barrocamente?) coisas muito diferentes, como por exemplo, os trabalhos construtivos de Tarcila do Amaral com o expressionismo de Anita Malfatti, o que seria impossível para uma vanguarda europeia.

opera uma ética que talvez possua uma estrutura próxima a da psicanálise. Assim, a afinidade do Brasil com a psicanálise encontraria uma possível explicação por meio disso que se começa a identificar como sua vocação propriamente barroca.

Referências

ALBERTI, S. (org.). *Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizoide*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

ARAÚJO, O. T (org.). *Brasil - Psicanálise e Modernismo* (catálogo). São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 2000.

BODDIN, Cláudia, *L'arrivée du freudisme au Brésil et l'implantation du mouvement lacanien à Rio de Janeiro*.

BRÉSIL Baroque: entre ciel et terre. Catalogue de l'exposition de novembre 1999 à février 2000, Musée du Petit Palais, Paris, Union Latine.

BRITO, R. O Trauma do moderno. In: CANONGIA, L. *Modernismo* (catálogo). Rio de Janeiro: Funarte, 1986.

CHIAMPI, I. *Barroco e modernidade*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 1998.

DASTUR, F. Hölderlin, tragédia e modernidade. In: HÖLDERLIN. *Reflexões*. Rio de Janeiro: Relume Drumará, 1994.

D'ORS, E. *Du baroque*. Paris: Gallimard, 2000.

FERNANDES-BODDIN, C. *L'arrivé du freudisme au Brésil et l'implantation du mouvement lacanien à Rio de Janeiro*: Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Septentrion, 1999.

FIGUEIREDO, A. C. O movimento psicanalítico no Rio de Janeiro na década de 70. In: BIRMAN, J (org.). *Percursos na história da psicanálise*. Rio de Janeiro: Taurus, 1988.

JORGE, M. A. C. Lacan et le renouvellement de la clinique psychanalytique. *Actes du Colloque du Mouvement du Coût Freudien*. Lacan psychanalyste. Paris, 1999.

LACAN, J. *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

MAURANO, D. *La face cachée de l'amour: une investigation philosophique de la tragédie à la lumière de la psychanalyse*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Septentrion, 1999.

MOKREJS, E. *A psicanálise no Brasil - as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.

NOSEK, L (ed.). *Álbum de família/Imagens, fatos e idéias da psicanálise em São Paulo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

RIBEIRO, M. A. C. *A cisão de 1998 da Escola Brasileira de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 1999.

ROPA, D. ; MAURANO, D (coord.). *Agenda de Psicanálise I*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

ROUDINESCO, E. *Por que a Psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TWISTS: Modernism and baroque - Notes on psychoanalytic publications in Brazil

ABSTRACT:

With this article we intend to provide some data that we consider important to compose a panorama of institutional situation of psychoanalysis in Brazil and the development of the psychoanalytic situation editorial of the writing from the moment of entry into the country by the year 2000. I would also to outline some thoughts about the ease in which it was present here, which we coordinate with the characteristic of Baroque culture.

KEYWORDS: Psychoanalysis. Institution. Publication. Modernism. Baroque. Brazil.

TORSIONS: du modernisme au baroque – Notes sur les publications psychanalytiques au Brésil

RESUMÉ:

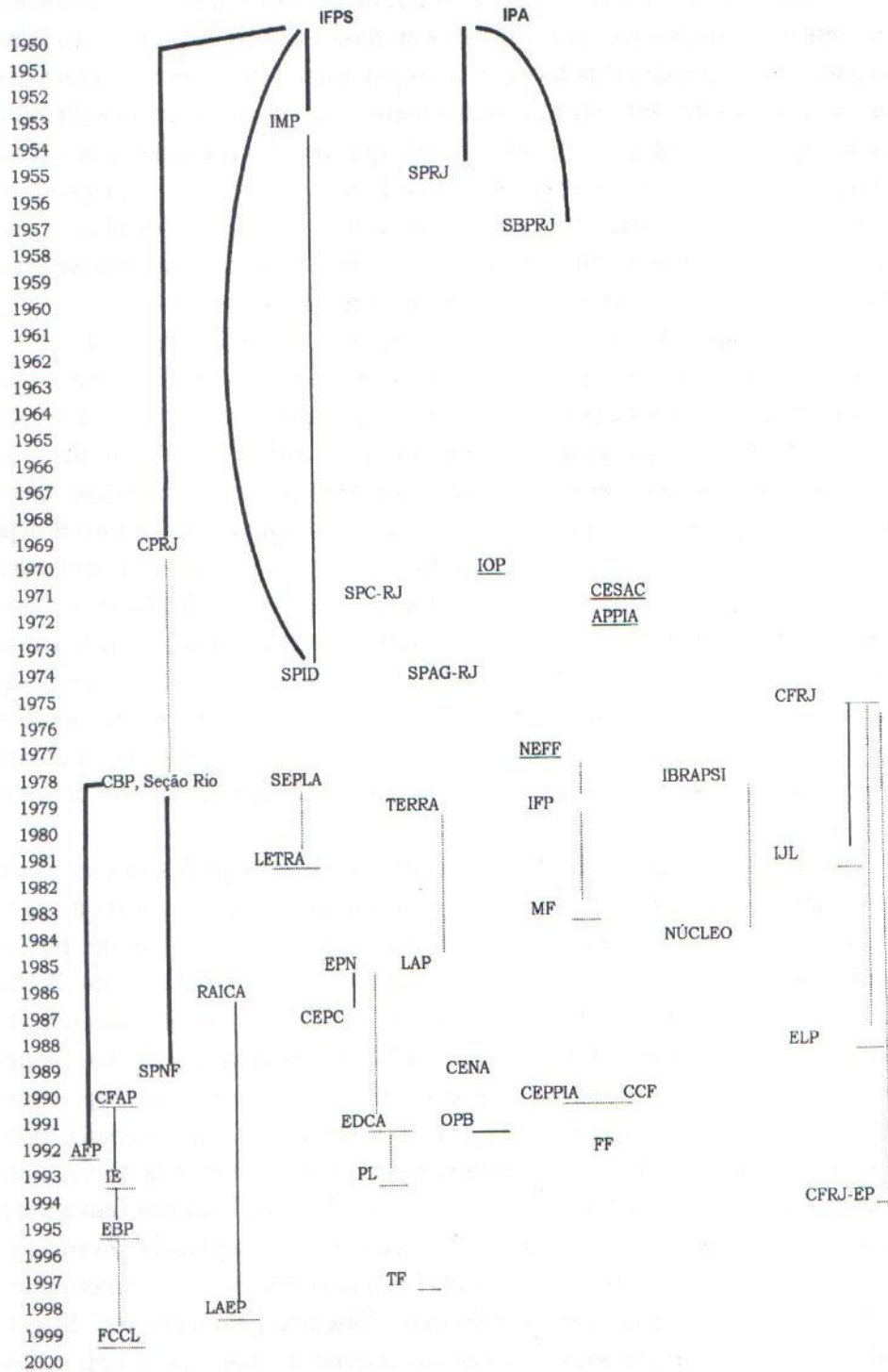
Cet article a pour but d'offrir quelques données que nous considérons importantes pour composer un panorama de la situation institutionnelle de la psychanalyse au Brésil et du développement de la situation éditorial de l'écriture psychanalytique ici, dès le moment de son entrée dans le pays, jusqu'à l'année 2000. Nous profitons aussi pour rapprocher quelques idées sur la facilité avec laquelle elle y a trouvé son espace, ce nous supposons s'articuler avec la caractéristique baroque de notre culture.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Institutions. Publications. Modernisme. Baroquisme. Brésil.

Recebido em 11- 11 -2010

Aprovado em 03-04-2011

Anexo 1 : Árvore genealógica das instituições psicanalíticas do Rio de Janeiro.



Árvore genealógica das instituições psicanalíticas do Rio de Janeiro

Torções: do modernismo ao barroco – Notas sobre as publicações psicanalíticas no Brasil

IPA - International Psychoanalytical Association
IFPS - International Federation of Psychoanalytic Societies
1953-1974 - IMP - Instituto de Medicina Psicológica
SPRJ - Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro/1955
SBPRJ - Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro/1957
CPRJ - Circulo Psicanalítico do Rio de Janeiro/1969
IOP - Instituto de Orientação Psicológica/1970-1974
CESAC - Centro de Estudos de Antropologia Clínica/1971
SPC-RJ - Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro/1971
1983 - Funda o Instituto de Psicanálise
1987 - Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro
APPIA - Associação de Psiquiatria e Psicologia da Infância e da Adolescência/1972-1982
SPID - Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle/1974
SPAG-RJ - Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro/1974
CFRJ - Colégio Freudiano do Rio de Janeiro/1975
NEFF - Núcleo de Estudos e Formação Freudianos/1977-1979
CBP, Seção Rio - Circulo Brasileiro de Psicanálise/1978
SEPLA - Sociedade de Estudos Psicanalíticos Latino-Americanos/1978
IBRAPSI - Instituto Brasileiro de Psicanálise, Grupos e Instituições/1978
IFP - Instituto Freudiano de Psicanálise/1979
TERRA - Clínica-Escola - 1979
IJL - Instituto Jacques Lacan/1981
Letra - Letra Freudiana/1981
Movimento Freudiano - 1983
NÚCLEO - Psicanálise e Análise Institucional/1984
LAP - Livre Associação Psicanalítica/1985
RAICA - 1986
Escola Lacaniana de Psicanálise - 1988
CENA - Psicanálise e Cultura do Rio de Janeiro, 1989
SPNF - Sociedade Psicanalítica de Nova Friburgo, 1989
CEPIA - Centro de Estudos e Pesquisa Psicanalíticos, 1990
CFAP - Corte Freudiano - Associação Psicanalítica, 1990
EPN - Escola de Psicanálise de Niterói/1990
CCF - Centro Clínico Freudiano, 1990
CEPC - Centro de Estudos de Psicanálise de Crianças/1991
EDCA - Escola da Causa Analítica, 1991
OPB - Oficina de Psicanálise da Barra, 1991
AFP - Associação Freudiana de Psicanálise, 1992
FF - Formação Freudiana, 1992
IE - Iniciativa Escola, 1993
PL - Praxis Lacaniana - Formação em Escola, 1993
CFRJ-EP - Corpo Freudiano do Rio de Janeiro Escola de Psicanálise/1994
EBP - Escola Brasileira de Psicanálise, 1995
TF - Tempo Freudiano, 1997
LAEP - Laço Analítico Escola de Psicanálise, 1998
FCCL - Formações Clínicas do Campo Lacaniano, 1999

————— *Filiações*
————— *Organizações diretamente associadas*
..... *Dissidências*
NEFF *Associações que não se constituem como sociedades psicanalíticas*
CFRJ *Lacanianos*

©2011 *Psicanálise & Barroco em revista*
www.psicanaliseebarroco.pro.br
Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq
Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.
Memória, Subjetividade e Criação.
www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista